PARECER

O consócio Raimundo Girão, na última sessão deste Instituto, realizada a 20 de maio passado, a título de comunicação fez a observação de que se encerram erros históricos na legenda aposta no ápice do pequeno monumento ou marco inaugurado em 20 de janeiro de 1978, localizado na parte final da Avenida Presidente Castelo Branco, também conhecida por Avenida Leste-Oeste.

Tomando conhecimento da proposição, o Sr. Presidente do Instituto, depois de ouvir o plenário, nomeou, para estudo do assunto, uma comissão constituída do mesmo consócio Raimundo Girão e dos consócios Guarino Alves e Fernando Câmara.

Ali, naquele monumento, está escrito, em letras de bronze, e, portanto, com o intuito de perpetuar-se, a seguinte inscrição:

> "Aqui neste local no dia 20 de janeiro de 1612 desembarcou o fidalgo português Martim Soares Moreno Colonizador do Ceará."

Noutra placa, na face posterior da coluna, construída de cimento, acha-se esta outra inscrição:

"20 janeiro 1612 — 20 janeiro 1978

Governador
Adauto Bezerra
Prefeito
Evandro Aires de Moura
Vice-Cônsul de Portugal
Alexandre Vidal
Sec. Ed. e Cultura
Maria Liduina Leite
Dir. Depart. Cultura
F. M. Matos Dourado"

Embaixo, e na frente, ainda está outra:

> "O Clube de Regatas congratula-se com o Prefeito Evandro Aires de Moura, a Colônia Portuguesa e a Comunidade da Barra do Ceará por este marco histórico
>
> Antônio Pereira Irmão
> Presidente"

Vê-se, daí, que o marco comemorativo, inaugurado festivamente, tem a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Fortaleza e da Colônia de cidadãos portugueses desta Capital.

Os erros históricos residem: primeiro — em que Martim Soares Moreno, aceito pelos historiadores como o Fundador ou Colonizador do Ceará, *não desembarcou ali naquele local,* muito exatamente porque teria chegado, vindo, *por terra,* em penosa caminhada de Natal, no Rio Grande do Norte, acompanhado de um padre católico, Baltazar João Correia, e de seis soldados.

Efetivamente, quem desembarca é porque embarcou, descendo de qualquer embarcação marítima ou não, o que não se deu com Soares Moreno e os seus companheiros de viagem. Desembarcar, lexicamente, é tirar ou fazer sair de um navio etc., pôr em terra os passageiros, ou mercadorias, em resumo: sair da embarcação, saltar em terra. (Ver *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa,* Edição Brasileira, Editora Delta S.A., Rio de Janeiro, 1958, para citar apenas um lexicógrafo.) Logo, a expressão ou termo a ser usado para traduzir o fato da chegada de Martim Soares não é *desembarcou.* A vinda, *por terra,* do valoroso soldado luso é inconteste, pois é ele próprio quem o diz, na sua famosa *Relação do Seará,* escrita em 1618 e divulgada entre nós pelo Barão de Studart em 1903, transcrita que se acha, na íntegra, no volume *Comemorando o Tricentenário da Vinda de Portugueses ao Ceará,* impresso na Tip. Minerva, Fortaleza, 1903, ps. 191-198; na *Revista do Instituto do Ceará,* vol. de 1903, n.º 17, ps. 97-138; e em *Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará,* Fortaleza, 1904, 1.º vol. ps. 1-42. A declaração de Soares Moreno é clara, não permite dúvida ou interpretação diferente: "... e que dito governador ordenou e me mandou negociar de todas as coisas necessárias encarregou que me comerciasse *por terra* com os naturais do Maranhão, para fazer aquela conquista, dando de tudo par-

te ao Conselho da India, e sendo no ano de 1611 cheguei a Seará com 6 homens em minha companhia e um Clérigo, onde fui muito bem recebido, logo a poucos dias fiz Igreja e com os retábulos que levei se disse Missa a se fizeram muitos Indios cristãos." (*Tricentenário,* cit. p. 192.)

O Barão de Studart, no trabalho intitulado *Martim Soares Moreno — Sua autobiografia — Descrição do Ceará por ele em 1618,* o confirma: "Acompanhado tão-somente de um clérigo e de seis soldados, expediente que adotou para não despertar as desconfianças nem reviver os justos ressentimentos indígenas, deixou Martim Soares Moreno a Bahia (mais diretamente de Natal) e veio para o Ceará, onde construiu com o auxílio de Jacaúna e de seus índios um Forte e uma pequena Ermida a que deu o nome de N. S. do Amparo e na qual se disse logo missa em retábulo que trouxera. Foi isso em 1611." (P. 147.)

Em segundo lugar, como se encontra expresso da referida *Relação,* no trecho acima citado, ele chegou *em 1611* (*... e sendo no ano de 1611...*), o que, de modo absoluto, afasta a idéia ou informação de que *desembarcara* no barra do Rio Ceará no dia 20 de janeiro de 1612.

Neste ano de 1612, ou seja, no seguinte ao de sua chegada (e não desembarque) é que ele construiu o pequeno forte de madeira, a que deu nome de São Sebastião, tudo indicando que o começou a levantar no dia deste Santo. Está na *Relação do Seará*: "... no ano de 1612 fiz um forte de madeira com suas guaritas e casas de soldados, dentro a sua Ermida, onde se diz missa, e onde estão 20 soldados etc." (*Tricentenário,* cit. p. 197.)

São pois evidentemente inverídicas, filhas de afirmação descuidada de algum historiador, essas duas partes da legenda constante da placa frontal do marco inaugurado em 1978.

Por outro lado, igualmente não se ajusta bem à verdade escrever, como ali se acha escrito, que Soares Moreno era fidalgo. Fidalgo era, ou é, aquele que tem a qualidade de fidalguia, no sentido de honraria, o indivíduo nobre, com foros de nobreza, possuidor de título nobiliárquico, hereditário ou conferido por soberano ou rei. Parece não ter sido dado a Soares Moreno este título, nem ele o teria herdado. O que de fato ele demonstrou foi ser um soldado valente, destemido, inteligente no trato com os índios, homem de corajosas iniciativas, enfim um bravo que tanto se projetou e glorificou na luta contra os holandeses, em Pernambuco, depois de haver deixado definitivamente, em 1631, o Ceará, a serviço do qual obtivera, por dez anos, a nomeação de Capitão-mor.

Nos combates contra os flamengos, em reconhecimento a suas decisivas ações militares, ele alcançou o posto de Mestre de Campo, mas este não era título de nobreza; não configurava a fidalguia. Trata-se de uma imprecisão que figura na placa rememorativa e seria portanto interessante corrigi-la.

Com estes argumentos, muito claros, porque se baseiam na palavra mesma de Soares Moreno, escritas apenas seis anos após a sua chegada à Barra do Ceará, e por conseguinte ainda bem frescas em sua memória, conclui a Comissão, pela unanimidade de seus componentes abaixo assinados, que deve ser dirigido ao Exm.º Sr. Prefeito Municipal de Fortaleza ofício, acompanhado de cópia deste Parecer, solicitando-lhe a imediata correção dos erros aqui apontados e existentes na mencionada placa do marco da Avenida Presidente Castelo Branco (Av. Leste-Oeste), dando-se-lhe nova redação compatível com a veracidade histórica.

Bem poderia — e isto vai a título de sugestão e com a devida vênia —, ser a nova mensagem a figurar em dita placa:

> "Nesta margem direita da foz do Rio Ceará chegou em 1611 o valoroso soldado português Martim Soares Moreno, e no dia 20 de janeiro de 1612 começou a construir o forte que tomou o nome de São Sebastião."

Fortaleza ————